

Flora
AJO 7670



Fotos de Helô Sant'Ana e Chico Guedes

**Mudança**

João Ribeiro Costa, com sua mulher Maria Barbosa de Souza, prepara-se para deixar uma palafita no bairro Mangue Seco, um dos mais carentes da Capital capixaba, para se instalar numa unidade residencial em prédios de alvenaria que estão sendo construídos pela prefeitura no bairro Santa Marta

Projeto Terra muda perfil da periferia

O programa multissetorial de melhoria das condições de vida dos moradores de bairros pobres de Vitória edifica moradias e equipamentos públicos

ADRIANA BRAVIN

Quem mora sob o risco de desabamento, maré alta e ventania, longe de serviços públicos básicos e sem expectativa de melhoria de vida, sabe bem o que significa viver à margem na sociedade. Ainda mais em uma cidade que se expande e quer se projetar nacionalmente como exemplo de qualidade de vida e de serviços prestados à população. Para muitos desses moradores excluídos, superar tal situação é sonho.

Por isso, o olhar do pedreiro João Ribeiro Costa, 57 anos, muda quando ele fala de sua futura casa, longe do manguezal do bairro Mangue Seco, um dos mais pobres de Vitória, localizado ao lado do campus da Ufes. Ali, sobre um monte de madeira podre e que balança ao menor vento, ele e a mulher, a costureira Maria Bárbara, fincaram uma palafita, há sete anos.

“Cheguei a Vitória em 1968 e hoje estou encostado. Essa casa em que a gente vai morar, e que vai pagar, é a realização de um sonho.

**DESAFIO**

O prefeito Luiz Paulo Vellozo Lucas garante que palafitas deixarão de existir em Vitória com o término do projeto, que ele avalia como ‘eficiente estratégia de enfrentamento da pobreza urbana’

mesmo tempo ou não dá certo”, afirma. Por isso, o projeto atua também na área social, estimulando atividades de geração de emprego e renda, além de ações integradas em saúde, educação, indo além do saneamento básico.

Os últimos a deixarem as moradias improvisadas sobre o manguezal serão os moradores de Mangue Seco, onde 100 palafitas já foram marcadas para a remoção. “Mas, na segunda fase do projeto iremos reduzir as remoções”, antecipa Luiz Paulo. A solução são os módulos hidráulicos, construídos em terrenos urbanizados. Outros 129 estão sendo erguidos no bairro Santo Antônio, que também deu adeus às palafitas.

O contorno da Ilha de Vitória, já definido como lugar de toda pobreza, se redesenha. Na Ilha das Caieiras, a valorização do espaço físico, a construção do píer, urbanização e melhorias habitacionais mudaram o perfil do bairro. A capacitação da comunidade em técnicas de co-

gar, é a realização de um sonho. Aqui a gente não tem futuro”, diz. A futura casa do pedreiro João é uma das 70 unidades que estão sendo construídas no bairro Santa Marta pelo Projeto Terra, desenvolvido pela Prefeitura de Vitória.

Programa multisetorial de melhoria das condições de vida dos moradores de bairros pobres, o projeto contabiliza, em seu quinto ano, a construção de 72 moradias no Bairro Jaburu e 40 em Santo Antônio, 200 módulos hidráulicos (banheiro, caixa d'água e pia), 16 praças, 14 escolas,

quatro unidades de saúde, quatro áreas verdes (parques) e inúmeras obras de urbanização e infraestrutura.

“Havia mais de mil palafitas em Vitória. Até o fim do projeto não haverá nenhuma”, prevê o prefeito Luiz Paulo Vellozo Lucas, que encara no Projeto Terra uma “efi-

ciente estratégia de enfrentamento da pobreza urbana”.

Pobreza

Para ele, eficiência é combater a pobreza urbana enfrentando o problema da criança, do idoso, da saúde, da educação, do saneamento. “Tudo isso tem que ser feito ao

comunidade em técnicas de comércio e produção, e a criação de cooperativas resultou na expansão dos restaurantes, 15 no total, e na consolidação daquela antiga parada dos canoieiros do Rio Santa Maria em destino turístico.

Moradores enfrentam novos desafios

Previstas mais 92 moradias na segunda etapa

Acostumar-se à vida em condomínio, morar em um espaço reduzido e buscar soluções para problemas comuns tem sido o desafio dos moradores beneficiados pelo Projeto Terra. A maioria saiu de casas e barracos em áreas de risco ou de preservação ambiental nos morros para apartamentos ou unidades duplex medindo de 39 a 46 metros quadrados. Moradias são arrendadas nos casos de remoção.

De um barraco ao lado da escadaria Virgílio Vidigal, na subida do bairro Jaburu, para um apartamento de quarto e sala, construído pelo Projeto Terra, no mesmo bairro, muita coisa mudou na vida da viúva Angélica Jesus Silva, 32 anos. “Agora tenho que acordar e dormir na hora que os vizinhos querem”, estranha. Há três anos ela e os quatro filhos dividem os “inúmeros problemas” da nova casa.

São infiltrações, vazamentos e alagamentos que tentam resolver sozinhos. “Já reclamei com o pessoal da prefeitura mas ninguém resolve”, queixa-se Angélica. “Acho que síndico aqui não ia resolver, mas apanhar. Ninguém respeita o outro”, diz.

Nem tudo são espinhos. As crianças aprovam o espaço para brincar. “Eu morava na encosta e ficava trancada em casa. Agora tenho um monte de amigas”, diz Fernanda dos Santos, 12 anos. Com o Convento da Penha “enquadrado” na janela de sua sala, Maria Zélia Tavares, 42 anos, tem certeza: “Eu moro no céu. Quando passo raiva, chego na janela e rezo à Nossa Senhora”.

Espaço

Desfazer-se de móveis e da vista do manguezal cala fundo em Maria Aparecida Martins, 48 anos, que terá a palafita onde mora no bairro Mangue Seco removida pelo Projeto Terra. A família se mudará para um duplex de 46 metros quadrados, no bair-



ESTRANHEZA

Angélica de Jesus Silva, moradora de um prédio residencial no Morro do Jaburu, estranha as regras: ‘Agora tenho que acordar e dormir na hora que os vizinhos querem’



LIVRES

As crianças aprovam o espaço para brincar entre os prédios no Morro do Jaburu, já que muitas, que viviam em encostas, não podiam sequer sair de casa



EXPECTATIVA

Patrícia Nascimento, que ainda vive nas palafitas de Mangue Seco, sonha com a vida nova

ro Santa Marta. “A gente queria ir aterrando e construindo devagar”, diz, inconformada por ter que se desfazer de dois sofás e uma estante.

Mas a pequena Patrícia Pereira do Nascimento, 8 anos, que há um mês

mora em uma palafita com a tia, Rovenia, pensa diferente. Para ela, a mudança é sinal de nova vida. “Minha tia disse que onde vamos morar eu vou poder estudar”, sonha a garota, que não está na escola.



A segunda fase do Projeto Terra prevê a construção de 92 moradias e a ampliação das obras nos 36 bairros carentes atendidos. No entanto, sua continuidade depende da liberação de parte dos recursos federais referentes à primeira fase, cujo orçamento total chega a R\$ 93 milhões, e à segunda, orçada em R\$ 62 milhões.

As obras do projeto estão paradas desde janeiro. A mudança no comando do Governo federal e a inclusão do município no Cadastro Informativo de Créditos não Quitados da União (Cadim) retardaram os repasses. A expectativa é de que a situação se resolva neste semestre.

“Atualmente, existem recursos sendo liberados pelo Habitar Brasil (programa do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID) para investir em Joana Darc, Santa Marta, Mangue Seco e Andorinhas. Já foram liberados R\$ 1,5 milhão e, em curto prazo, serão liberados outro R\$ 1,5 milhão. Até o final do ano serão mais 4,5 milhões, totalizando R\$ 7,5 milhões”, contabiliza o secretário-chefe da Coordenadoria de Planejamento, Ricardo Santos.

Ainda resta uma parte de liberação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), referente ao financiamento da primeira fase, no valor de R\$ 20 milhões. “R\$ 1,1 milhão está sendo liberado agora para complementar as obras em Santo Antônio, Inhanguetá e Parque Barreiros”, lembrou.